



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



OS CAMINHOS DO LEITOR NA LEITURA HIPERTEXTUAL

Berta Lúcia Tagliari Feba (FAPEPE)¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é fazer uma apreciação do e-book **Ler e brincar: atividades de leitura literária com jogos de construção narrativa**, coordenado por Vera Teixeira de Aguiar (EDIPUCRS, 2008), descrevendo quais são os caminhos possíveis percorridos pelo leitor ao longo de sua leitura interativa com o texto. Para tanto, refletiremos sobre o modo como ocorre a relação entre leitor e texto diante da estrutura hipertextual, quais são as estratégias utilizadas pelo leitor e quais os caminhos trilhados no momento da leitura. Notamos, assim, que a mudança de suporte de leitura pressupõe alteração do comportamento do leitor, tanto no que tange à sensibilidade estética, quanto na interação com a matéria lida.

Palavras-chave: hipertexto, leitura, leitor.

READER'S PATHS IN THE HYPERTEXT READING

ABSTRACT: This paper aims to appraise the e-book **Ler e brincar: atividades de leitura literária com jogos de construção narrativa**, organized by Vera Teixeira de Aguiar (EDIPUCRS, 2008), in order to describe possible paths the reader goes while interactively reading the text. For this purpose, there is a need to reflect on how e-book readers deal with hypertext structure, the strategies used by them and the paths followed at the moment of reading. We can notice that the change of the media presupposes alterations in the reader's behavior, not only with respect to the aesthetic sensitivity, but also concerning the interaction with the reading.

Key-words: hypertext, reading, reader.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe

¹ Professora da Faculdade de Presidente Prudente e integrante dos grupos de pesquisa “Formação de Professores e as relações entre as práticas educativas em leituras, literatura e avaliação do texto literário” e “Crítica e recepção literária – CRELIT”.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 77)

Podemos verificar, atualmente, o surgimento de novos espaços de comunicação provenientes da internet. Vivemos em uma era de velocidade, multiplicidade, simultaneidade, por isso, é comum nos perguntarmos como fica o literário neste meio envolto ao virtual, digital, composto por novos espaços de atuação e que prescinde de novas formas de perceber o mundo.

Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde a sua origem. Ele conta histórias de um acontecimento, da origem de um povo, de seus medos e de seus anseios. Já escreveu textos por meio de desenhos gravados sobre pedras nas cavernas e relatou também na superfície de tabuletas de argila. Fazendo uso da palavra escrita, esse homem narrou seus feitos, por meio do códice e do registro em pergaminhos. Com a revolução de Gutemberg (por volta de 1440), houve um significativo avanço para a produção escrita, os livros deixam de ser copiados à mão para serem impressos e o que se percebe é que mantêm estrutura semelhante à dos manuscritos, com paginação, folhas internas e formato específico (CHARTIER, 1999). Atualmente, está diante do leitor uma resolução distinta daquela do livro manuscrito ou impresso: é a do texto na tela do computador.

Diante das transformações tecnológicas, acreditamos que novas formas narrativas são construídas e que surgem diferentes relações textuais, criadas a partir do conceito de hipertexto. Por isso, defendemos que mudanças no suporte de leitura e na própria forma da literatura alterarão o comportamento dos leitores, a maneira como se relacionam fisicamente com o objeto. Na era digital, multiplicam-se os modos de ler, assim como os protocolos de leitura que, por sua vez, alteram as relações do leitor frente ao texto, à imagem, ao som, enfim, às mutações da sensibilidade estética. Nesse sentido, interessa-nos neste trabalho refletir sobre o modo como se processa a relação entre leitor e texto diante da estrutura hipertextual, quais estratégias utilizadas pelo leitor e quais os caminhos possíveis trilhados no momento da leitura, uma vez que compartilhamos da concepção de que a cibercultura interfere no modo de interação do leitor com a matéria



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



lida. Para tanto, analisaremos o e-book **Ler e brincar: atividades de leitura literária com jogos de construção narrativa**, coordenado por Vera Teixeira de Aguiar (EDIPUCRS, 2008), descrevendo quais os caminhos possíveis percorridos pelo leitor ao longo de sua leitura interativa com o texto.

O e-book, que está disponível para acesso gratuito na página da Editora Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (EDIPUCRS), apresenta a narrativa “Tecelina”, texto de Gláucia de Souza, com ilustrações de Cristina Biazetto e trilha sonora de Marcelo Fornasier. Sua personagem principal de nome homônimo ao do texto vivia em uma família cuja história se repetia de geração em geração. A “avó da avó da avó” de Tecelina morava em um local frio, por isso, começou a confeccionar casacos durante a noite, tecendo-os com lã; nasceu a filha da dona Gertrudes que recebeu o mesmo nome da mãe por se parecer muito com ela, porém, para não criar confusão, também recebeu o apelido: Tudinha. E assim muitas Gertrudes surgiram naquela família, todas “tecendo e crescendo”. Até que nasceu Tude, que dava formatos diferentes àquilo que ia tecendo, sem saber ao certo o que sairia ao final; fazia saia igual a tapete, tapete como boné; por isso, na casa de Tude e Técio, seu marido, a “cortina tinha cara de abajur; abajur de colcha e colcha de casaco...”. Deste amor nasceu mais uma menina que se parecia com todas as demais mulheres da família e com o pai, por isso, passou a ser chamada de Tecelina. Sendo filha de Tude e Técio, Tecelina “tecia do avesso” e ficou noiva de um Chinês que gostava de contar histórias. Os dois passaram anos expondo suas narrativas até o dia em que ele foi embora e Tecelina começou a tecer um caminho para a China.

Para investigar os caminhos percorridos pelo leitor em “Tecelina”, torna-se importante pensar sobre a cibercultura e suas relações com a literatura. Em sua pesquisa, Lévy (1999, p. 15) explica que a universalidade de uma obra constrói-se e estende-se “por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente”.

Lévy (1999) aborda a virtualização da informação, as novas formas artísticas, as transformações em torno do saber, as questões relativas à educação e formação. O ciberespaço, também chamado de “rede”, “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (p. 17). O termo abriga a infraestrutura da comunicação digital, as informações que circulam e os seres humanos que navegam nesse



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



ambiente. Assim sendo, cibercultura “é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 1999, p. 17).

As tecnologias influenciam no movimento da vida das pessoas, com isso, a partir da evolução técnica contemporânea, é possível tratar das mutações sociais e culturais que a acompanham:

As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (LÉVY, 1999, p. 32)

O ciberespaço faculta uma comunicação “todos-todos” (LÉVY, 1999, p. 63) porque permite que uma comunidade constitua um contexto comum de forma progressiva e cooperativa. É por isso que a possibilidade de interromper ou reorientar uma sequência informacional em tempo real é uma das características do hipertexto, uma forma de interatividade que pressupõe uma participação ativa daquele que recebe a mensagem.

Essa interação é prevista na leitura do e-book aqui analisado, cujos objetivos são permitir ao leitor entrar na história de modo não linear e brincar com as atividades apresentadas, que desenvolvem conceitos inerentes à tipologia narrativa, como a construção das personagens e de suas ações, do tempo e do espaço. Trata-se de exercícios que permitem para o leitor a criação de sua própria história durante a leitura.

O livro concebe-se por meio da metalinguagem, já que narra uma história sob a temática da arte de tecer histórias. Tecelina apresenta ao leitor a sua vida, compondo sua trajetória a partir da relação com seus familiares de gerações anteriores.

A metáfora do tecido na narrativa encadeia-se com os sentidos ocultos produzidos pelo texto, bem como expressa que o texto vai sendo elaborado e produzido em um contínuo entrelaçamento. Desse modo, o leitor fica imerso nessa rede e constrói um novo modo de pensar, ou seja, estabelece novas ideias a partir do diálogo constante com o texto, tendo em vista que a literatura



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporando como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um. (LAJOLO, 1982, p. 43)

O livro, nessa metáfora, é construído na forma de hipertexto, a fim de ser apreendido pelo leitor de modo que rompa com a linearidade devido à inserção de links. De acordo com Lévy (1999, p. 27), o hipertexto é um texto em formato digital reconfigurável e fluído, que pode ser explorado em tempo real na tela, a partir de blocos ligados por links, cujas mensagens são veiculadas não apenas com texto verbal, mas também com imagens e sons. Uma abordagem para explicar o hipertexto é

descrevê-lo em oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e de links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, ‘botões’ indicando a passagem de um nó a outro. (LÉVY, 1999, p. 56)

Para tornar a explicação mais clara, Lévy (1999) afirma que a biblioteca pode ser considerada um hipertexto porque permite uma rede de documentação, sendo fichários, catálogos, banco de textos uma permissão para realizar uma navegação global neste espaço. Um romance ou um filme são percorridos do início ao fim, mas a leitura de uma enciclopédia, por exemplo, permite saltos, iniciando do sumário, indo a um artigo que, ao final, remete a outros materiais. Assim, remissões, notas, citações e bibliografias são em si pequenos hipertextos.

O suporte digital trouxe maior agilidade na utilização de hipertextos, permitindo rapidez na pesquisa em sumários, no uso de instrumentos de orientação, na passagem de um nó a outro, por exemplo. Nesse sentido, o hipertexto digital define-se como “informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e ‘intuitiva’” (LÉVY, 1999, p. 56) porque é “móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor.”

Lévy ainda explica que, em segunda instância, a hipertextualização coordena funções da leitura e da escrita, operando na virtualização do texto no momento em que, do ponto de vista do leitor, este texto for definido como “um espaço de percurso para leituras possíveis” (1999, p. 57). O papel do leitor é realizar um



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



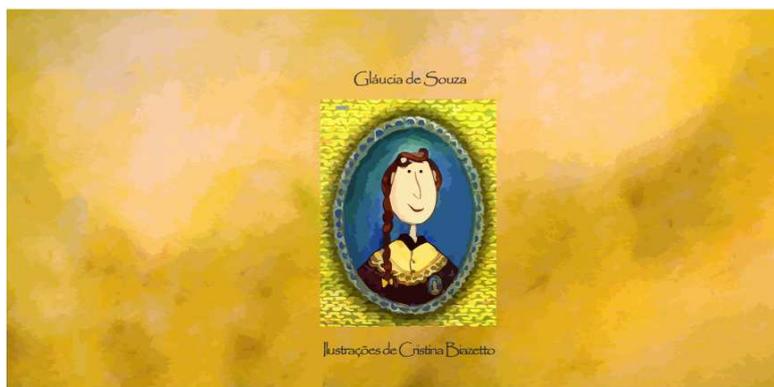
dos textos potenciais colocados em jogo pelo autor porque escolherá os links preexistentes a serem usados e criará outros novos links, podendo modificar textos, imagens, sons.

Além da narrativa de Tecelina, é o que ocorre no momento da leitura do poema “A boneca”, de Olavo Bilac, por exemplo, inserido no e-book **Ler e brincar: atividades de leitura literária através da sonoridade na poesia** (EDIPUCRS, 2008), também coordenado por Vera Teixeira de Aguiar, pois a criança lê o poema, ouve diferentes vozes que o declamam em ritmos diversos, cria rimas, escreve na página, grava, imprime. Assim, o navegador participa da redação do texto que está lendo. Trata-se de mais um documento on-line acessível para uma comunidade de pessoas.

Nesse sentido, o hipertexto configura-se como um importante instrumento de “escrita-leitura coletiva” (LÉVY, 1999, p. 57) já que os hiperdocumentos abertos são acessíveis por meio de uma rede de computadores, ocasionando uma troca de papéis entre leitura e escrita. Lévy salienta que “Com o hipertexto, toda leitura é uma escrita potencial” (p. 61) porque é o leitor que participa da estruturação de um hipertexto, das dobras de sentido; é ele quem atualiza o percurso e contribui para a redação do texto. Assim, os caminhos criados pelo leitor e os cortes realizados podem ser incorporados à própria estrutura do material lido.

No hipertexto, é possível constatar o agrupamento de muitas informações, de tal modo que a estruturação dessas informações em rede no ato de ler do leitor possa ser considerada uma das leituras possíveis (LÉVY, 1999, p. 58), que inventa sua navegação e constrói o próprio objeto narrativo.

É exatamente isso que o leitor faz para percorrer as trilhas de “Tecelina”. Ao acessar o livro, logo na primeira página, há apresentação de uma figura de uma professora na parte inferior que faz uma explicação sobre o texto a que se terá acesso e uma ilustração da Tecelina, imagem que permite a entrada do leitor na narrativa:



Um narrador que afirma gostar de contar histórias apresenta:

Eu sempre gostei de contar história, porque história é que nem fio: a gente tece e o fio cresce, a gente inventa e tudo o que a gente tenta se transforma em coisa nova.
Foi por isto que eu resolvi contar esta história.
E eu resolvi contar a história de Tecelina, primeiro porque o seu nome era esquisito.
Segundo porque ela...
Ah, vamos ver tudo do princípio.

Nesse momento, instaura-se a fantasia e a entrada do leitor no texto. São anunciados os elementos que compõem a história, como som, imagem estática, imagem em movimento. Esses elementos invadem a tela e promovem a interação do leitor, estabelecendo a função lúdica.

A ilustração lembra um livro aberto, porém, diferentemente, há agulhas de tricô na parte inferior que enfatizam a metáfora do tecer, de algo ainda em construção para começar a apresentar a biografia de Tecelina.

Os primeiros links são vistos. Um deles é uma miniatura desta ilustração do livro com as agulhas, imagem que perpassará toda a narrativa e se moverá em algumas páginas, permitindo a continuidade da leitura. Ao clicar sobre elas, surgem caixas de texto e outros links indicados por palavras circuladas em



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



vermelho que, seguindo o ritmo de leitura, abrem ilustrações ou novas páginas. O fato de ligar uma página a outra valida a função do hipertexto por permitir trajetórias diferentes para cada ato de ler.

A palavra “princípio” faz a abertura: “A história da Tecelina começa bem lá no princípio. Ora essa! Toda história começa do princípio, mesmo que o princípio seja o fim.” Nesta página, o leitor pode fazer cinco escolhas, clicando nos vocábulos: “fim”, “avó”, “geração”, “mãe” ou “princípio”. Ao clicar em “fim”, será conduzido a brincadeiras que o farão regressar para o início do livro novamente. Escolhendo “geração”, saberemos da “avó da avó da avó” de Tecelina, que morava em uma cidade fria e que, por isso, começou a confeccionar casacos. Os antepassados aproveitavam algodão colhido para tecer, trabalhando “de dia e de noite”. Foi assim que nasceu a filha de Dona Gertrudes.

No link “filha”, somos levados à história dos antepassados acerca da tradição de tecer, fazer casacos, bem como de preparar o enxoval para cada mulher da família que iria se casar. Paulatinamente, a cada clique no ícone das agulhas, o texto verbal e o não-verbal vão tomando o espaço da página, expondo a história ao leitor. Assim, “Muitas Gertrudes nasceram naquela família. Todas com nome igual, mas *apelidos* diferentes... Todas crescendo e *crescendo*”. (grifos nossos)

Nesta etapa abrem-se duas opções. Na primeira, ao clicar em “apelidos”, o leitor é convidado a brincar, contribuindo com a produção do texto: “Todo apelido tem uma história. Você tem apelido?” As respostas podem ser SIM ou NÃO. Clicando em SIM, o leitor poderá escrever seu apelido e contar a história de como surgiu. Ao clicar em NÃO poderá escrever qual apelido gostaria de ter, justificando por quê. Se escolher a opção “crescendo”, será conduzido para outra tela, aquela que leva à apresentação de Tude, personagem que rompe com a tradição da família por tricotar formas novas, consequentemente, não tendo acesso à brincadeira, nem a oportunidade de participar da escrita do texto.

O papel ativo deste leitor, que faz a leitura e envia um comando para o computador, sugere certa ilusão de liberdade. Com o hipertexto, pretende-se libertar o leitor da “linearidade” do texto impresso, de sua estabilidade, daquele percurso mais fixo do que aquele indicado pela leitura eletrônica. Este leitor é levado à ilusão de liberdade quando, com efeito, está subordinado às operações do computador e aos caminhos inscritos pelo e-book que, antecipadamente, prevê o que e de que modo será lido. São caminhos diferentes que geram outros efeitos de sentido. Produzem, em vista disso, outros textos.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



Naturalmente, seguimos as orientações do livro. Clicamos em “sair” e chegamos na exposição acerca do casamento de Tude. Nesta tela, há três prováveis caminhos. O primeiro surge quando se clica sobre “bebê”. Ouvimos uma gargalhada infantil e vemos surgir sua representação na ilustração. O segundo, ao selecionarmos “casa”. Neste caminho, podemos brincar ouvindo as músicas tocadas em três espaços diferentes. Cada canção sintoniza-se com o ambiente exposto. Por exemplo, no primeiro quadro, ouve-se uma música clássica para representar a sala com lareira e aparece uma das personagens tricotando. Tal construção também leva o leitor a pensar no tempo como um dos elementos constituidores da narrativa, uma vez que ele transmite ali a noção de três gerações, sendo o segundo quadro o trecho da narrativa acerca do casamento de Tude e, o terceiro, o quarto de Tecelina. O terceiro caminho avulta quando se clica em “continua”. Este liga o leitor à próxima página e permite-lhe imaginar como seria sua casa, escolhendo uma das três representações. Na sequência, surgem objetos que podem ser arrastados para o cenário, levando o leitor a criar seu próprio ambiente e finalizá-lo com a audição de novas músicas de estilos diferentes – techno, rock e clássica –, disponíveis no clicar das imagens de um *micro system*, um *walkman* e uma vitrola, que ajudam a expressar suas sensações.

Nessas telas, a imagem da professora pronuncia esclarecimentos a respeito dos objetivos da atividade. Ademais, é a construção textual e a diagramação que proporcionam diversão e levam ao retorno para a narrativa principal no trecho sobre a vida matrimonial de Tude.

O terceiro link desta etapa sugere o nascimento de Tecelina que, sendo acionado, abre um texto sobre a vida da menina que dá continuidade à história da família. A ilustração mostra uma personagem de cabelos brancos que, pela inferência, leva a imaginar uma das avós que fazem parte desta biografia. Três links reportam o leitor a trechos diferentes da narrativa. Um deles, “O que é tecido é passado!”, frase proferida por Tecelina, referindo-se ao seu enxoval que iniciava a ser tricotado. Neste instante, a tela aberta é a do princípio da história de Tecelina, convidando o leitor a percorrer um caminho diferente do que realizara até agora, experimentando outros links.

A outra possibilidade é clicar em “O que é tecido é presente!”, que permite a entrada na sala da casa de Tecelina, representando o momento atual que está vivendo. As cores na parede demonstram a jovialidade



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



da personagem e pequenas inscrições podem ser lidas quando ampliadas em novas caixas de texto que excedem o espaço da ilustração.

A casa era colorida porque Tecelina usava sobra de fios, deixando “sofá com cara de arco-íris, almofada com cara de vitral colorido”. Surgem vários links: o “casa” desvia-nos para os três cômodos que podem ser decorados e prazerosamente habitados com a sensibilização gerada pelas músicas. O “outra vez”, como o próprio nome já diz, repete esta tela e motiva o leitor a clicar em links diferentes. Fazendo analogia ao termo, a página mostra que Tecelina tecia e desmanchava pelo deleite de recriar e realizar o trabalho novamente. Desse modo, suas performances são dialógicas, pois remetem à Penélope. A palavra “almofada” conduz-nos à descrição de Tude para experimentarmos outras construções a partir dos diferentes caminhos; ainda, para explicar que Tecelina trabalhava sem “respirar”, o link dá prosseguimento à história, ao insurgir uma tela com a sobreposição de quatro caixas de texto, cuja leitura só é possível ao tirar uma da frente da outra, arrastando-as com o mouse.

Tecelina tecia o presente e em pedacinhos: “era voltar e retecer, era pular pedaços, era contar os pontos e as palavras e, depois, pular de propósito para poder recontar”. A metalinguagem gerada pela metáfora do tecer é intensificada neste trecho em que descreve o modo como a garota bordava desde pequena. Além disso, justifica que a história também é contada “em pedacinhos”, fazendo alusão aos trechos que remetem a outros.

A palavra “lembra”, que se reporta à memória de Tecelina, abre uma nova história, a de um chinês que foi até sua casa para buscar a sorte e se apaixonou por ela. De modo interessante, a página desdobra-se em outras por possibilitar a contemplação de histórias que podem ser ouvidas. O comerciante conta-lhe diversas histórias de sua terra e, por isso, os dois ficam muito tempo conversando. Tecelina também apresenta suas narrativas, que podem ser compartilhadas com o leitor por meio do link “histórias”. Ao ser acionado, o link permite a emissão de enredos folclóricos que fazem parte do repertório do leitor, como “O Negrinho do Pastoreio”, “A Iara”, “O Boi Mimoso” e “O Boitatá”. Neste momento, as narrativas não são lidas, mas ouvidas pelo leitor, resgatando o valor da tradição oral e da cultura popular brasileira.

Ainda, outro link permite que o internauta produza uma nova história, atendendo àqueles objetivos de contribuir para a compreensão da tipologia narrativa e dos elementos do mundo narrado. A imagem em



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



miniatura da professora novamente se faz presente nesta pausa para a brincadeira, explicando que “o ato de ouvir uma história permite a introjeção de um modelo linear – começo, meio e fim –, importante de ser apreendido pela criança que, a partir daí, poderá elaborar estruturas narrativas mais complexas”.

Nesta etapa, há um quadro com o início da história “Era uma vez..”, permitindo a escolha entre um conjunto de quatro quadros para compor uma narrativa. Nesta estruturação, são apresentados o protagonista (Um negrinho...; Um boi...; Uma sereia...; Uma cobra...) e o espaço onde vivia (no mar; na fazenda; no campo; no mato). Certa vez, esse herói encontrou um objeto mágico (um cavalo mágico; um pente mágico; um sapato encantado; um chocalho) e decidiu transformá-lo (em cavaleiro; em um golfinho; num bailarino; numa estrela). Em seguida, surge outra personagem (um lobo; um tubarão; um tigre; um caçador) que rouba o objeto encantado, mas não sabia como utilizá-lo. O herói grita a palavra mágica (Aguaceiro!; Muuuuuuuuuu; Sisssssssss; Blaptbuz!) e transforma o vilão (em pedra; num sapo; e capim; numa maçã), realizando um de seus sonhos. Tal sonho deve ser construído pelo leitor no espaço em branco que surge em um novo quadro. Logo, a narrativa só é possível se o leitor dela participar desde seu início, ao clicar sobre os trechos escolhidos e concluir o enredo. Ao sair, o leitor retorna na página do Chinês, até que chega o dia de “ir embora”, abrindo novo link. O fundo musical está presente novamente e acompanha o leitor nas suas escolhas porque reproduções da mata e do mar soam a cada clique sobre os quadros a serem selecionados durante a leitura, dinamizando o momento e divertindo.

Devido ao egresso do chinês, Tecelina ficou triste e começou a tecer um caminho para chegar até a China, mas como era longe, ela ficou “com cara de pipa no céu”. A metáfora é mais um dos espaços a serem completados pelo leitor, que se perguntará como deve ser o semblante que se assemelha ao voo de uma pipa, conhecimento adquirido empiricamente que o ajudará a interpretar o texto.

Um link abre outra história na qual se conta que Tecelina fez chapéus grandes, médios, para cabeludo, adulto e ao tentar vendê-los em *shopping centers* foi indagada se era “credenciada”. Sem compreender a palavra, respondeu que era “Tecelina”, tornando a narrativa cíclica e ratificando seu caráter metalinguístico.

Em seguida, um arco-íris colorido estampa a abertura de uma página, certamente aquele que imprimia os trabalhos da protagonista em sua casa. Surge a pergunta “Você encontrou todas as brincadeiras



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



da Tecelina?”. Esta indagação funciona também como um convite para ler novamente o e-book, à medida que, por meio da leitura, o leitor toma consciência do caráter hipertextual do documento que possibilita diferentes percursos. Este leitor fica curioso e também se pergunta se percorreu os espaços possíveis ou se ainda há ambientes a serem explorados para se divertir. A ludicidade, assim, é mais um dos aspectos motivacionais da leitura.

Logo abaixo, aparece uma frase – “Tecelina continua a contar suas histórias para sempre ou até um dia voltar a virar bebê”–, a qual permite novas combinações hipertextuais. Clicando em “continua”, haverá um espaço que possibilitará ao leitor escrever sua história: “Agora você também pode tecer a história da sua vida”, cujo início será “Minha história começa quando...”. Após a produção, a seta na extremidade inferior da página encaminha para a última tela do e-book, onde poderão ser vistas a mensagem “tchau” e a lista de colaboradores que elaboraram o material. Variavelmente, clicando em “bebê”, o navegador será encaminhado para o início.

O caráter lúdico do hipertexto é defendido por Zilberman (2001, p. 115) ao abordar que profundidade e simultaneidade são inerentes no trabalho com gêneros textuais dispostos em meio digital. Desse modo, pela tecnologia,

essa singularidade da literatura inaugura hipóteses infindas de exercício de criatividade e invenção, transformando o fazer literário em jogo e entretenimento, ao alcance da mão de todo e qualquer usuário.

Uma outra peculiaridade é que não há setas na barra de ferramentas para retornar a telas anteriores, como qualquer internauta faz quando percorre as páginas da Internet. No livro, caso o leitor decida por outro caminho, deverá reiniciar a leitura e inovar, alterar os cliques, decidir por outros links. Isso sugere a ideia de inexistência de acerto ou erro, pois várias são as possibilidades, as combinações para realizar a leitura, participar dessa experiência estética e complementar os sentidos do texto. Portanto, é justamente por desconhecer os caminhos que o leitor tem a possibilidade de experimentá-los.

Por meio desta descrição, percebemos que a leitura não ocorre de modo fixo e tem como princípio norteador a interatividade, já que são múltiplas as possibilidades de combinação.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



Para que ocorra esse procedimento de leitura é preciso um trabalho integrado entre autor, leitor e texto. O autor intenciona o material e planeja como poderá ser oferecido ao leitor. Este, por sua vez, explora a utilização do hipertexto e interage com o que lê, sendo o texto lacunar que aguarda sua construção pelo leitor, neste caso, navegador.

De acordo com Neitzel (2005), o hipertexto introduz um novo elemento nesta interação entre autor-texto-leitor. Trata-se do aparecimento de infinitas combinações de forma instantânea e simultânea, característica que não era proporcionada pelo texto escrito.

Na leitura de “Tecelina” fica comprovada a máxima de que o texto só existe com seu leitor, já que o hipertexto prescinde de sua curiosidade e de uma postura constante de busca. Este leitor verifica as relações possíveis a serem estabelecidas na leitura e não passa ao largo dos caminhos propostos pelo escritor. Nesse sentido, a atualização de textos literários depende do trabalho do leitor que, por sua vez, depreende os variados sentidos emergentes do ato da leitura. Para Iser (1999, p. 41):

textos literários são resistentes ao curso do tempo, não porque representam valores eternos supostamente independentes do tempo, mas porque sua estrutura permite ao leitor continuamente colocar-se dentro do mundo ficcional.

Iser (1996, p. 156) explica, ainda, que o texto exige do leitor diferentes formas de participação. Com isso,

a participação é bem pequena quando o texto reproduz quase todas as normas comuns, e é bastante intensa quando a correspondência tende a zero. Em ambos os casos, no entanto, o repertório organiza as reações dos leitores ao texto e assim as respostas aos problemas dos sistemas de referência que ele oferece. O repertório forma assim uma estrutura de organização de sentido, que deve ser otimizada na leitura do texto. Essa otimização depende do conhecimento do leitor e de sua disposição de aceitar uma experiência que lhe é estranha. Ela depende também das estratégias do texto, que, como potencial orientador, projetam os caminhos da atualização.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



O leitor de “Tecelina” precisa aceitar essa nova maneira de lidar com esta forma ficcional proveniente do suporte digital e ser aberto a novas experiências pela leitura. Os procedimentos dispostos na estrutura hipertextual, desse modo, orientam os caminhos da leitura e da atualização do texto.

Como percebemos, a leitura de “Tecelina” não é operacionalizada de modo linear. O mergulho nos links se faz essencial para aquele que começa a ler e quer concluir, ou seja, quer ir até onde o texto permite, preenchendo suas lacunas. Desse modo, não há um princípio de linearidade ou de centralidade, pois o leitor pode escolher quais caminhos percorrerá. Depois de vivenciada, a trama gerará um enredo, como pudemos verificar na nossa apreciação, mas para chegar até ele, vários são os percursos explorados. Embora a narrativa pareça fragmentada pelos cortes gerados com os cliques, há um princípio de sequencialidade. Justamente, é esta a que nos referimos neste momento: a história narrada. Ademais, embora os caminhos não sejam ordenados ou sigam uma ordem “certa”, única, são trajetos previstos no corpo da obra. Assim,

A flexibilidade de cada texto decorre de sua habilidade em responder de modo distinto a cada leitor ou aos segmentos variados de público; decorre igualmente da propriedade de o destinatário intervir na obra. (ZILBERMAN, 2001, p. 91)

Nesse sentido, o e-book é um novo suporte de leitura e o hipertexto é uma estrutura que exige a participação do leitor, modificando a prática de leitura, respondendo às questões do início do trabalho: o modo como se processa a relação entre leitor e texto diante da estrutura hipertextual, quais estratégias utilizadas pelo leitor e quais os caminhos possíveis trilhados no momento da leitura. O texto escrito no papel e o hipertexto no computador evocam diferentes formas de ler, portanto, diferentes modos de incluir o leitor no processo e de contribuir para sua formação.

Sobre esse aspecto, Soares (2002) defende que cada forma de escrita permite espaços diferentes de escrita, condicionando uma mudança no tamanho dos textos e alterando a relação entre autor, obra e leitor. Por exemplo, a escrita em uma tábua de madeira, em uma parede de caverna, em um livro impresso ou na tela do computador preveem procedimentos de escrita e de difusão diversos. Conseqüentemente, há mudanças nas práticas de leitura.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



Conforme detalha Soares (2002), geralmente lemos o texto escrito/impreso de cima para baixo, da esquerda para a direita, virando uma página após outra, linearmente. Já o texto da tela é lido de modo multilinear, multissequencial, pois links são acionados, trazendo à tela diversas possibilidades, sem que exista uma ordem pré-definida. Salienta ainda que a dimensão do texto no papel é materialmente definida pelo seu formato, uma vez que é possível identificar início e fim a partir da numeração das páginas. O hipertexto, diferentemente, tem a dimensão que o leitor lhe der, pois o espaço é escolhido com um clique, sendo que a tela termina quando outra é aberta.

Capparelli (2010) também faz essa reflexão, afirmando que, enquanto o livro impreso está integralmente nas mãos do leitor, o texto eletrônico dificilmente mostrará sua totalidade, cujo espaço vai sendo adentrado com imprevisibilidades. Atualmente, surgem muitas formas ficcionais que ocupam o ciberespaço, desafiam os leitores a empreenderem uma nova forma de leitura, sobretudo porque este novo modo de ler altera a sensibilidade do leitor para o texto.

Outro aspecto de fundamental importância nesta leitura hipertextual de “Tecelina” é a diagramação da página. Assim como livros impressos têm projetos gráficos arrojados para fisgar o leitor – estratégia recorrente do mercado editorial –, que investem em ilustração, cores, formato, tipo de papel, e que por sua vez se diferenciam da configuração de um jornal ou de uma revista, o e-book traz disposição para a leitura, ao mesmo tempo que confere ludicidade, por meio dos sons, das imagens, das possibilidades de interação com a escrita. Ademais, são essas peculiaridades que produzirão efeitos diferentes daqueles gerados pelas páginas impressas, geralmente brancas com letras pretas, em oposição aos fundos coloridos, sobrepostos por quadros, blocos textuais, ilustrações em movimento, links de variados formatos, como palavras, setas, figuras. Trata-se de uma leitura mais alegre que aproxima o leitor, chama sua atenção e direciona seu olhar, que o convida a selecionar o caminho a seguir, a partir do que é saliente na página. Combinados, esses elementos compõem uma unicidade e contribuem para formar esse leitor do meio digital.

Assim como Chartier (1999), concebemos leitura como “apropriação, invenção, produção de significados”. Por isso, ler “Tecelina” é construir sentidos a partir da interação com a matéria lida. Os caminhos percorridos pelo leitor conferem ludicidade ao ato de ler e permitem adentrar no universo ficcional, acompanhando a personagem em sua biografia.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



Já aderíamos à ideia de que a mudança de suporte de leitura modificaria o comportamento do leitor, pois cada suporte exige estratégias interacionais e procedimentos de leitura diferentes. Com a descrição do percurso de Tecelina, notamos que o leitor do mundo atual se fará cada vez mais proficiente ao mesmo tempo que souber lidar com os diversos recursos à sua volta, sobretudo, com o meio digital.

Embora inexista rigidez, a leitura neste universo depende de certos mecanismos ou da aceitação de determinadas ações. As inferências realizadas no decorrer da leitura de um livro impresso ou digital podem ser semelhantes, entretanto, é preciso desempenhar novas estratégias para ler, como selecionar os links, estabelecer relações de sentido entre o que vai surgindo imprevisivelmente.

Diante de diferentes protocolos de leitura, portanto, o leitor vivencia mudanças na sensibilidade estética e na interação com a matéria lida. Com o hipertexto, percorre um espaço de leituras em potencial, participa da estruturação da obra e constrói seu próprio modo de narrar.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.) **Ler e brincar:** atividades de leitura literária através da sonoridade na poesia (recurso eletrônico). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/lerebrincar_poesia/lerebrincarpoesia.swf>. Acesso em: 02 abr. 2012.

AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.) **Ler e brincar:** atividades de leitura literária com jogos de construção narrativa (recurso eletrônico). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/lerebrincar_narrativa/lerebrincar_narrativa.swf>. Acesso em: 02 abr. 2012.

CAPPARELLI, Sérgio. A ficção em hipertexto. In: RETTENMAIER, Miguel.; RÖSING, Tania. (Org) **Questões de literatura na tela.** Passo Fundo: UPF, 2010. (p. 222 – 241)

CHARTIER, R. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999. (Prismas)

ISER, W. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Trad. Maria Ângela Aguiar. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS:** série traduções, Porto Alegre, v. 3, n.2, mar. 1999.



EDIÇÃO Nº ESPECIAL
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
AGOSTO DE 2012



ISER, W. A. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kreschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. (Teoria) v.1

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1982. (Primeiros Passos, 53)

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEITZEL, Luiz Carlos. O texto atômico (impresso) e o texto binário (digital). In: NEITZEL, Adair de Aguiar; SANTOS, Alckmar Luiz dos. (Orgs.) **Caminhos cruzados:** informática e literatura. Florianópolis: UFSC, 2005. (p. 105 - 117)

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educação e Sociedade.** Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001. (Ponto Futuro, 3)